



**Universidade Federal do Amapá
Pró-Reitoria de Ensino de Graduação
Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia
Disciplina: Fundamentos da Filosofia
Educador: João Nascimento Borges Filho**

O que é a filosofia?

Paulo Ghiraldelli Jr

Universidade Estadual Paulista (UNESP - Marília)

Escrevi em um texto publicado no Portal Brasileiro da Filosofia, com o título "O que é *definir* a filosofia?", no qual passo por algumas noções do que é a filosofia para, no final, dizer que o melhor seria não a definirmos. No entanto, escrevi também outros textos, entre eles um que não era um "paper", mas apenas uma provocação - "Crianças precisam de filosofia?". Este não foi publicado no Portal, mas apenas colocado na CVF, a Comunidade Virtual-Filosofia, que lança os boletins do que ocorre no meio filosófico e, principalmente, as novidades dispostas no Portal.

No texto que cito primeiro, eu disse que os modernos estreitaram a noção do que é filosofia na medida em que a fizeram sinônimo de "crítica", obviamente no sentido filosófico desse termo, como ele aparece em Kant e em Marx. Lembrei depois que os antigos, principalmente Platão e Aristóteles, tinham uma noção mais ampla, às vezes, tomando a filosofia como um "estranhamento-admiração", o que a fazia uma arma contra a *banalidade* do banal. Não deixei de tocar na noção dos pragmatistas, vendo a filosofia como algo que vale a pena se faz alguma diferença na prática. E emendei com a noção dos neopragmatistas, de que a filosofia poderia gastar mais tempo dando vazão à esperança do que ao conhecimento e, para tal, deveria ser um instrumento de criação de novas metáforas que viessem a ser, talvez, literalizadas, ou se mantivessem como metáforas mas, enfim, que nos desse uma vida melhor, mais livre, com menos humilhação dos mais fracos pelos mais fortes.



Chamei isso tudo de definições. Aqui, estou mudando, e chamando de noções. Porque de fato eu adoto todas, mas como noções, e não como definições. Ou melhor: eu as prefiro como noções, e não como definições. Eu as prefiro como guia heurístico, e não como conceitos.

Bem, depois disso, já não em um "paper", mas apenas em uma mensagem de provocação, que corresponde ao texto "Crianças Precisam de Filosofia?", o que eu quis dizer é que se você fala de filosofia para crianças talvez, no final, quando elas crescerem, elas apenas fiquem falando de filosofia, e nunca sejam capazes de *fazer* filosofia. E é óbvio que eu estava usando uma acepção bem delimitada de filosofia. O professor Waldomiro José da Silva Filho, em uma mensagem arguta, endossou meu texto na medida em que ele, como eu, estávamos falando da mesma coisa: filosofia, como os filósofos a tomam, hoje, em qualquer departamento de filosofia que valha alguma coisa, é um saber específico, com técnicas tão sofisticadas quanto a que temos em outros conjuntos de saberes específicos. As crianças podem ganhar uma preparação, tendo cultura geral, para um dia manipular essas técnicas, mas elas não podem compreender essas técnicas. Se elas pudessem usar dessas técnicas enquanto crianças, então elas também poderiam usar as técnicas matemáticas necessárias à física nuclear.

Não estávamos falando, portanto, de se ter "uma filosofia de vida", ou de "ser capaz de se compreender melhor", ou de conseguir "ver coisas nos outros que são mais positivas que negativas", ou de "usar de certos conhecimentos de filosofia ou de história da filosofia para fazer pensar", ou de "fazer uma educação, coletiva ou individual, com elementos filosóficos" etc. Não, nada disso. Nem estávamos falando de algo que realmente não dá certo, que é achar que quem tem a filosofia nas mãos será uma pessoa melhor. Longe disso. Não estávamos, como Gramsci, querendo dizer "todos os homens são intelectuais", todo homem é um filósofo porque tem uma visão de mundo, um tipo de gosto etc. Não! Gramsci pagou caro por Ter dito isso, porque depois ele, na seqüência, já advinhando o que viria, tratou de ir delimitando as coisas até ele próprio chegar a lembrar que *até* a filosofia é uma técnica. Quem leu Gramsci – e eu o li bem, muito bem, na juventude – vai se lembrar disso.

Vou direto a um exemplo. Peguemos uma pergunta do tipo das que se fazem, hoje, no debate entre realistas e não realistas, em um departamento



que cultiva a tradição da filosofia analítica: "como o linguístico se engancha no não linguístico, ou seja, como 'palavras' se ligam ao 'mundo'?" Ora, os filósofos atuais, os que realmente fazem filosofia "hard", gastam uma vida apenas para poder equacionar esse problema de modo que outro filósofo mais velho e mais experiente, e bom no que faz, possa reconhecer nele um interlocutor e, então, considerar seus argumentos. Nessa acepção de filosofia, que é uma acepção que não está longe do que se faz hoje nos bons departamentos de filosofia das boas universidades do mundo todo, não é coisa de criança. Portanto, aí, não se trata de se fazer o que quer fazer os que lidam com "filosofia para crianças", sendo esses picaretas ou não. Também não se trata de fazer o que os que se denominam "filósofos clínicos" querem fazer, sendo esses picaretas ou não. Trata-se de outra coisa.

Bom, você, caro leitor, pode dizer: ora, Paulo, mas filosofia para mim não é isso! Tudo bem: filosofia, como eu mostrei no artigo "O que é *definir* a filosofia?", ganhou várias acepções. No artigo eu citei algumas, mas há bem mais que aquilo. Mas em nenhuma delas, na conversação de 25 séculos intitulada filosofia, tivemos algo que não fosse um conjunto específico de saberes, que exigia uma alta especialização prática, com temas muito bem definidos e técnicas sofisticadas. Todas as vezes que, nessa conversação, desrespeitam-se tais técnicas, a filosofia ficou de um lado e surgiu a vulgata de outro. O pensamento foi para um lado e surgiu em seu lugar a doutrinação.

As pessoas que lidam com filosofia para crianças ou filosofia clínica e que fizeram filosofia "hard", ou seja, chegaram mesmo a escrever textos em filosofia no interior dos rigores acadêmicos de boas academias, sabem perfeitamente que o que elas fazem com as crianças não precisaria ser chamado de filosofia para crianças e o que elas propõem para seus, digamos, pacientes, não precisaria de ser chamada filosofia clínica. Elas sabem que conhecimentos gerais em história, geografia, literatura, matemática, química, etc. – e até mesmo história da cultura e história da filosofia -, sendo administrados às crianças e jovens por uma boa escola, durante anos, faria o mesmo efeito que elas querem fazer com o que chama de "filosofia para crianças" ou "filosofia clínica". Mas tais pessoas, corajosas, que não querem ser protegidas por corporações que nascem mais para garantir negócios do que realmente por necessidades outras, são poucas. São poucos os que



chegam para mim e falam: "Paulo, você está certo, o que eu faço com as crianças poderia muito bem ser feito se elas tivessem um bom professor de educação física ou um bom professor de literatura ou um bom professor de matemática etc." Coisa similar me dizem os "filósofos clínicos" corajosos. Mas para se ter coragem, nesse caso, é preciso Ter passado pela filosofia no sentido estreito que ela possui no âmbito do que os filósofos a fecharam, em 25 séculos de conversação filosófica, ou seja, o conhecimento sofisticado que não está ao alcance das crianças. Só adultos que nunca passaram por esse tipo de formação filosófica "hard" acreditam que se pode ter, no grau que se quer ter, filosofia para crianças ou filosofia clínica ou coisas similares. Os que não participaram desses 25 séculos de conversação filosófica, não conseguem entender o que dizemos, Waldomiro e eu, ou o que o professor Giannotti já disse no passado.

Agora, isso não tem nada a ver em acharmos que o Padre Roque está certo ao lutar para que a filosofia volte a ficar no ensino médio, como qualquer outro patrimônio cultural que geramos. Mas, aí também cabe uma ressalva: ela não pode ser ensinada pelos que discutem "ensino de filosofia" mas que nunca escreveram e publicaram suas aulas. Como escreveu Lauro de Oliveira Lima nos anos 70: um professor só é um professor se ele é capaz de elaborar um bom manual, um livro, com suas aulas. Ora, é que é o *Convite à Filosofia* da Marilena Chauí. Mas não vejo no cenário entre os que vivem discutindo ensino de filosofia, alguém que ao invés de dissertar sobre o ensino da filosofia, consiga escrever um manual que ensina filosofia, como o da Marilena mostra que é possível. Então, acho que, junto com os que lidam com "filosofia para crianças" e com "filosofia clínica", podemos colocar os que lidam em dissertar sobre "ensino de filosofia". Grande parte desse pessoal não *faz* filosofia. Nunca escreveram um texto "hard" em filosofia. Desconhecem técnicas filosóficas de quaisquer correntes. Falam sobre algo, mas não *fizeram* o que teriam de fazer para, depois, poderem optar em achar que existe ou não as áreas da "filosofia" que eles criaram.

Pensem nisso. Com coragem, e não com preconceito apenas porque foram pegos de calças curtas, até porque todos nós somos pegos de calças curtas a todo momento, e temos de tentar nos recompor.

